



AVENÇA

ANO VIII - PREÇO 1500 - N.º 363

AVENÇA LIVRE

À Biblioteca Pública de

Braga

16
MARÇO
1963

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - A MARES

Misericórdia de Amares

Com o pedido de transcrição no nosso jornal damos conhecimento aos estimados leitores e assinantes do texto do despachado de S. Ex.cia o Senhor M. da S. e Assistência, de 23-2-963.

Reconhece-se que:

«Nas actuais circunstâncias, qualquer das soluções defendidas, quer a prorrogação do mandato da comissão administrativa por mais um ano, quer a realização imediata de eleição parece envolver inconvenientes sérios.

«As circunstâncias referidas aconselham uma solução intermédia que consiste em prorrogar o mandato da actual comissão administrativa, impreterivelmente, até ao fim de Junho do corrente ano.

«Não permitindo, porém, a experiência que se considerem em termos optimistas as possibilidades locais de regularizar a vida administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Amares, deverá a Inspecção da Assistência Social destacar urgentemente para aquele concelho um dos seus inspetores, em vista a coadjuvar

a comissão, todas as autoridades administrativas e todos os irmãos que estejam dispostos a colaborar construtivamente, em vista à referida regularização.

«Sublinharei ainda que só deverão ser admitidos como irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Amares, como de qualquer outra, as pessoas a quem seja reconhecida a idoneidade que a letra e o espírito dos respectivos Estatutos exigam.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1963

O Ministro da Saúde e Assistência.

a) Pedro Soares Martinez.»

N. R.—O texto do despacho de S. Ex.cia o Sr. Ministro da Saúde e Assistência é tão claro, objectivo e doutrinário que dispensa comentários.

Não há dúvida que do teor do mesmo se depreende a vontade firme e decidida de pôr termo a todas as questões que desde Agosto do ano transacto, têm entravado a marcha em boa hora encetada da Instituição número um do Concelho.

Congratulámo-nos com

este despacho que muito honra o clarividente titular da pasta de Saúde e Assistência, que alheio a quaisquer influências e pressões estranhas, vem pôr termo a uma situação, que a protelar-se, seria o caos e a ruína da Santa Casa.

Agora, sim, ficam todos os irmãos esclarecidos, que a obra encetada não pode parar e que a maravilhosa página de caridade escrita pelos Amarenses no empolgante Cortejo de Oferendas vai concretizar-se no tão necessário e almejado Hospital.

É pena, no entanto, que o Senhor Inspector não se tenha ainda deslocado a Amares, para ouvir «in loco» os testemunhos fidelígnos, isentos e imparciais de entidades que abnegada e sacrificadamente a servem apesar das circunstâncias críticas em que tem vivido.

Bem haja Senhor Ministro.

O TERRORISMO

por dentro

Cumplicidades que inquietam e que revoltam

Numa época em que os meios de comunicação atingiram uma rapidez e uma perfeição que ainda há um quarto de século ninguém se atreveria a imaginar — e em que mesmo as maiores potências têm a propaganda como uma das suas armas de mais seguro rendimento — insistir numa política de segredo (quando para nós, portugueses, tanto do essencial está em jogo) seria, não há dúvida, um erro.

Assim o entendeu agora o quartel-general das forças armadas em Angola, ao promover um encontro com os jornalistas, em Luanda, para lhes mostrar o material de guerra apreendido aos terroristas, quando estes, em 20 de Janeiro, tentaram invadir Cabinda,

a fim de se apoderarem de um pequeno posto fronteiriço, o de Massabi. Antes, porém, de atingirem o seu objectivo, foram os terroristas cercados e dizimados por um destacamento militar. Vinham para um golpe de surpresa, mas foram eles, afinal, os surpreendidos...

Por gente do MPLA era constituído esse bando, que trazia boas armas e cujos elementos, na sua maioria, haviam sido treinados para a guerrilha, durante nada menos de três meses, no acampamento de Dar Queb Delib, em Marrocos, tendo como instrutores, além de oficiais argelinos, um preto de nome Neto e de alcunha «O Pequeno» (talvez por ser muito alto) e um barbudo comunista ido da metrópole e de nome Ferreira — parceiro que mestiço.

Um navio Francês, o «Foch», os trouxera de Ponta Negra, (na República de Brazzaville) para Casablanca, o mesmo navio os levou de Casablanca outra vez para Ponta Negra. Daí seguiram então para Leopoldville, onde receberem de Viriato Cruz (um dos chefes do MPLA) lições de formação política (aulas de marxismo) duas vezes por semana, durante duas semanas.

Finalmente, levaram-nos, em camionetas, para a fronteira (iam todos à paisana) e, logo que chegaram ao seu destino, que era uma casa no mato, deram-lhes uniformes e armas. Uniformes de caqui semelhantes aos adoptados no Exército norte-americano. Armas das mais variadas origens, mas moderníssimas, quase todas: pistolas-metralhadoras alemãs,

Continua na 4.a página

Festas da Páscoa

(Avril au Portugal)

DIA DO TURISTA

Inclui-se no programa das «Festas da Páscoa» (Avril au Portugal) oportunamente tornado público, o dia do turista. Porque a todos cabem obrigações na Recepção Turística, para que a iniciativa que se projecta atinja a finalidade desejada exige-se a cooperação de muitos e variados sectores — públicos e privados. Porém, a nossa tradicional hospitalidade e as colaborações com que desde já se conta asseguram necessariamente resultados positivos para a Campanha que se pretende empreender.

Deste modo anuncia-se o seguinte:

1 = O Dia do Turista será em 20 de Abril.

Nesse dia procurar-se-á proporcionar a todo o estrangeiro que se encontre de visita ao nosso País certas deferências e atenções que marquem signifi-

cativamente a nossa tradicional hospitalidade;

2 = As formas a utilizar para homenagear o turista poderão ser as mais variadas: desde o dístico com expressões de boas vindas nas entradas de fronteiras, meios de transporte e outros lugares públicos, às ofertas de amostras de produtos portugueses; facilidades nas aquisições efectuadas pelos turistas ou nos serviços que a eles se prestem;

3 = Havendo um grande número de actividades directa ou indirectamente ligadas ao turismo e na impossibilidade de se contactar com todas, solicita-se e agradece-se que informem acerca da colaboração que podem oferecer, dirigindo-se à Direcção dos Serviços de Turismo do S.N.I. — Palácio Foz — Lisboa.

A grande virtude

da perseverança

Qualquer causa, por muito nobre ou justificada que seja, exige quase sempre luta para dar bom fruto. Supor que tudo possa aparecer feito, de um momento para o outro, por obra e graça do céu ou do acaso, é deveras infantil, pois só raramente assim sucede na nossa vida de todos os dias.

Como regra geral é a acção, facilmente se comprehende que a persistência seja o maior elemento fértil de todos os triunfos.

Recuar ao primeiro contra tempo por muito forte ou contundente que ele porventura possa ser, não é táctica acertada, sobretudo para quem não desespera da vida e gosta do franco optimismo que irradia da juventude, da inteligência e da saúde.

Mesmo os que já não são novos e não gosam de muita saúde e até os não muito privilegiados pela sabedoria, têm toda a vantagem em perseverar, já que o fatalismo dos que se adaptam à desgraça não é senão muitas vezes o primeiro indício do lugubre toque de finados

do desabar da virilidade.

Por outro lado como nem sempre basta ter razão, para que ela nos seja reconhecida, lícito é, e natural, que sempre a proclamemos, oportunamente, delicada e inteligentemente sem esquecer mesmo que um minuto de exaltação pode prejudicar irremediavelmente a justiça que possa existir em qualquer reivindicação.

Vencer sem ferir, pela razão do mérito, inerente a todas as causas justas, pregando, hoje e sempre, até à vitória final, eis o segredo que tornou possível muitos triunfos.

pulosos, de guerras frias e quentes, enfim.

As crianças, as indefesas e cándidas crianças têm o seu Orgão Internacional que vela por elas, que trabalha para elas. E bem precisam. E bem me-

O Centro Internacional da Infância e

a sua obra a favor das crianças

Criado em 18 de Janeiro de 1950, em Paris — a capital da luz e do progresso, o Centro Internacional da Infância temido, como continuará a ter, uma obra das mais importantes neste mundo onde impera o egoísmo, a politiquice barata de indivíduos pouco escru-

(Continua na 5.a página)

TRIBUNA PECUÁRIA

HIGIENE DAS VACAS LEITEIRAS

O leite é um alimento precioso mas para isso é necessário que seja um produto limpo e sôlo, isto é, isento de substâncias estranhas (poeiras, palhas, estrumes, pús, sangue, etc.) e produzido por animais saudáveis e bem alimentados.

Leite mungido sem asseio, recolhido em vasilhas e mal lavadas, produzido por animais pouco limpos ou portadores de doenças, instalados em estabulos sujos e com mau cheiro onde as camas, as fezes e as urinas se vão acumulando, é leite fatalmente sujo e perigoso veiculador de agentes de doenças (enterites, febre tifoide, febre Q., febre aftosa, brucelose, etc.).

Todo o produtor de leite deve fixar as seguintes regras:

1º — Assegurar-se, antes de mais nada, do estado de saúde do seu efectivo leiteiro, inscrevendo-o na Campanha de Saneamento dos Bovinos Leiteiros na Intendência de Pecuária. Uma Brigada submeterá os animais inscritos a provas de diagnóstico da tuberculose, brucelose e mamites, bem como a exames respeitantes a vaginites, tricomonase e esterilidade.

2º — Sempre que alguma vaca adoecer ou apresentar modificações nas características do leite (leite com grumos, pús, sangue, etc.) retirá-la do convívio das outras, devendo ser chamado imediatamente um veterinário para a observar.

3º — O leite que apresentar qualquer anormalidade ou for proveniente de uma vaca doente, não deve misturar-se com o das outras; caso contrário, inutiliza-se todo o leite que vier a ser misturado com ele.

4º — Nunca introduzir novos animais na vacaria sem se certificar primeiro do seu estado de saúde. Para isso, comunicar à Intendência de Pecuária a nova aquisição e alojar os novos animais adquiridos em local à parte, até serem inspecionados por uma brigada da Intendência de Pecuária.

5º — Mandar desparasitar

os animais, porque alguns parasitas, como as carraças, são transmissores de doenças graves, tanto para o gado como para as pessoas.

6º — Evitar as feridas nos tetos, produzidas muitas vezes por má técnica de ordenha e camas demasiadamente ásperas ou com espinhos (matos).

7º — Ordenhar sempre com asseio e «a fundo». Os «quartos» não completamente esgotados estão sempre sujeitos a mamite.

Acautelando o estado sanitário do efectivo, é indispensável fazer-se diariamente a limpeza dos animais.

1º — Escovar toda a pele e mais cuidadosamente o terço posterior (garupa, nádega, cauda, membros posteriores e escudo). Se for necessário, utilizar a cardôa e a almofada (ferro) para arrancar os pedaços de estrume que seguem e se agarram aos pelos das faces externas das nádegas, das pernas e da cauda; mas antes, humedecer com um pano bem molhado para facilitar a limpeza.

2º — Antes de cada mungição escovar o terço posterior (garupa, cauda, nádegas, membros posteriores e escudo).

3º — Lavar com bastante água e sabão a cauda, o escudo e o úbere.

A humidade evita que, durante a mungição, se desprendam caspa (descamação da pele) e poeiras que estavam aderentes ao pelo e que se destacaram com a escova.

4º — Enxugar com um pano limpo as partes lavadas, principalmente o úbere e a cauda.

5º — Prender a cauda à perna do lado contrário àquele de que vai ordenhar, para que durante a mungição ela não projete partículas de estrume ou das camas para dentro do leite.

6º — Depois de ter lavado e enxugado o úbere, retirar os primeiros jactos de leite para recipiente à parte.

Observar se o leite apresenta grumos, sangue, pús, ou qualquer outra anomalia. Se isso acontecer, não misturar o leite dessa vaca com o das outras e chamar um veterinário para a observar.

7º — Desinfectar os tetos humedecendo-os com um pano embebido em soluto de lixívia fraco (meia colher de sopa de lixívia para 5 litros de água.)

8º — Ordenhar rapidamente sem paragens e «a fundo.»

Todas as regras apontadas são fáceis de executar, não são dispendiosas, nem ocupam muito tempo.

Os animais depressa se habituarão às novas operações de limpeza, que se traduzem numa melhoria do seu estado de saúde, numa economia de despesas com medicamentos, numa maior produção e numa melhoria da qualidade higiênica do leite.



aponte...

e não esqueça

A verdura é indispensável na alimentação das galinhas. Não a misture, porém, com os outros alimentos e administre-a finamente picada.

Não leve as ovelhas para terrenos húmidos ou encharcados! Essas terras são focos de doenças, e as doenças só trazem prejuízos.

Se pretende obter bons leitões alimento convenientemente as porcas em lactação mas não as deixe engordar.

A partir dos 21 dias de idade dê aos leitões um suplemento alimentar. O leite das mães já não chega.

Areje o seu estábulo mas impeça que as correntes de ar incidam directamente sobre os animais

A ordenha das vacas leiteiras deve ser efectuada sempre a horas certas.

Aponte este A B C da alimentação dos vitelos:

1º — Do nascimento até ao 5º dia = colostro.

2º — Do 5º ao 21º dia = leite inteiro.

3º — Do 21º dia ao 4º mês = leite inteiro misturado com água; feno e concentrados.

4º — Do 4º ao 6º mês = verde, feno, concentrado, complementos mineral e vitaminicos.

Na desinfecção das coelheiras dá bom resultado a seguinte solução: 50 gramas de creolina para um litro de água.

dade do comedouro e colocar o bordo ao nível do dorso das aves.

Com este procedimento, quase nada custa, obter-se-á uma considerável economia na ração e, consequentemente, um apreciável aumento no rendimento final da empresa avícola.



Riqueza Pecuária do Concelho de Amares

Equinos	67
Muares	8
Asininos	44
Bovinos	3.633
Ovinos	2.607
Caprinos	567
Suinos	2.526
Galinhas	35.559
Coelhos	4.874

O custo da alimentação é o factor que mais pesa nas despesas das explorações avícolas como aliás acontece nas de qualquer outra exploração pecuária. Não obstante assim ser, a maioria dos avicultores não tem na devida atenção esta circunstância ao deixar desperdiçar, desnecessariamente, quantidades consideráveis de ração em virtude da não aplicação de medidas convenientes.

Ora as medidas a ter em conta para obstar a tais desperdícios resumem-se fundamentalmente a duas: altura dos comedouros em relação ao dorso das aves, e quantidade de comida nos mesmos. Quanto mais cheio estiver o

COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS DE VULGARIZAÇÃO DA DIRECCÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PECUARIOS

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

O frio não parece disposto a deixar-nos. Quando eu e outros gememos aqui de frio, neste Março ajanado, certamente muitos ausentes gemem de calor nas terras de Angola ou Brasil.

Carência de patriotismo?

Não sei dizer se é falta de patriotismo, avareza ou campanha antipatriótica de boateiros. O certo é que alguns dos que estavam no Ultramar Português se passaram à França e outros parecem querer seguir-lhes o exemplo. Dizem que «aquilo por lá está mau» que «têm medo de morrer...». E desta maneira algumas mulheres casadas deveriam ir para Angola, ou Moçambique, juntar-se aos seus maridos e não querem ir, procurando antes que os maridos deixem aquelas terras e vão para a França e, se possível, para o Canadá, abanar a «pataqueira».

Eu não quero dizer-vos que na França, na Alemanha ou no Canadá se não ganha até muito dinheiro. Porém, comparando os ganhos materiais com as perdas morais não vejo grande lucro nesta emigração para fora do solo pátrio. Com efeito, é sabido que, para mandarem algum dinheiro, os trabalhadores são obrigados a cozinhá, lavar a roupa, pregar botões e viver em bairros de lata, como as formigas. Não faltam lá também os desentendimentos e, às vezes, a cadeia... Alguns são vítimas da propaganda comunista. Outros abandonam a crença religiosa, trabalham ao domingo, metem-se na borrachice e no mulherismo. Mesmo os melhores adquirem novos hábitos de vida, nem sempre conformes com os mandamentos de Deus e a recta razão... Vão e vêm. Os gastos das viagens, os dias que não trabalham, o nível de vida mais alto... tudo contribuirá para que as fortunas adquiridas não passem da mediania ou quem toda a vida pobres.

Há os que levam a mulher e filhos para ficarem por lá. Como o nível de vida é mais alto tem de gastar como os outros.. e lá vai a fortuna. Arranjarão possivelmente uma aposentação, se demorarem por lá muitos anos, tal como os nossos funcionários públicos. Mas estão no estrangeiro e trabalham para o estrangeiro. Os filhos aprendem a ler francês ou inglês e ficam na ignorância da língua pátria...

Há gostos para tudo e que seria do amarelo, se assim não fosse?... Entendo porém que os filhos deviam aprender a ler e escrever bem antes de emigrarem, ou então, os pais venderem tudo cá e naturalizarem-se franceses, canadianos, etc. conforme os casos. Alguns fazem economias para libertarem as terras herdadas de dívidas e voltarem à casa paterna a viverem um fim de vida calmo. Outros compram terras e fazem uma casinha para voltarem. Estimo e louvo estas atitudes e faço votos por que os novos hábitos adquiridos, no contacto com meios sociais habituados a larguezas fáceis, não venham reduzir a pó todas estas economias...

Eu, porém, gostaria muito mais que no nosso meio se desenvolvesse a iudus-tria, de modo a empregar os braços dispensados na lavoura, e que o excedente demográfico se encaminhasse para o nosso Ultramar e para o Brasil. São territórios imensos em extensão e riqueza, carecidos de gente e dinheiro para se desenvolverem. A salvação material e espiritual do nosso Ultramar depende sobretudo dos portugueses. Bom seria que os homens da finança procurassem estudar as possibilidades económicas do Portugal de Aquém e Além-Mare, tanto cá como lá, com o seu talento e o seu dinheiro, desenvolvesssem a riqueza para conveniente fixação dos portugueses em terras de Portugal.

Remissão de UMA DÍVIDA

Depois de mais de meio século decorrido do assassinato do Rei D. Carlos e do seu filho D. Manuel segundo, Lisboa vai erigir uma estátua ao primeiro, penúltimo abencerragem da dinastia Brigantina e desfecho trágico da monarquia. Com o exílio do filho do homenageado acabou um regime que só pode desaparecer para os homens e não para a Pátria que se deslumbra com feitos gloriosos nas cinco partes do Globo.

A paixão é uma loucura que tolda o espírito da humanidade e cega os olhos da alma. Vemos como se pagou a quem tanto sofreu pelo amor a uma causa a quem tanto devemos, ainda há quem queira governar os povos que agradecem de tal maneira o que se procura fazer a bem de todos. É Guimarães o Berço da Nacionalidade, o primeiro altar da Pátria que D. Afonso Henriques construiu; Lisboa prolongamento da Nacionalidade, e como segundo Altar, não deve esquecer o Rei D. Manuel última vítima das paixões que enlutaram a Pátria e magoaram o coração dos portugueses agradecidos e que sabem que errar humanus est.

Elísio Gonçalves

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Também gostaria que o nosso povo acreditasse menos em boatos derrotistas, inventados por cabeças delirantes, que tanto prejudicam Portugal.

Vosso: J. Moreira

LIDOS AGORA...

Versos que fiz em criança
Quando tudo me sorria,
E singrava a minha es'prança
No alto mar da fantasia ;

Versos simples, emorosos,
Como simples era a alma
Naqueles dias ditosos
Das tardes na doce calma,

Lidos agora à distância,
Ai que profunda saudade
Dos sentimentos da infância !...

Nunca mais p'la vida forá,
Com a mesma alacridade,
Eu vi raiar outra aurora !

BADAMECO

Li num dos últimos números do «Agora» a palavra BADAMECO e a sua finalidade. Julgando-a bastante aceitável para o nosso burgo, onde existe o destempero do badamequismo, transcrevo do mesmo semanário o seu significado.

BADAMECO: rapazola, homem sem importância.

É verdade homem sem importância, mas astuto, manhoso e egoísta.

Pois a esse Badameco não lhe interessa o plano de urbanização. Não lhe interessa o desenvolvimento local. Anda numa luta desusada para que a nova estrada não saia da Lage, como está superiormente autorizada, mas sim da Feira Nova, isto porque a julga vital para os seus negócios.

Chegou mesmo a dizer que a clientela lhe fugia, visto a nova via passar um pouco desviada do seu estabelecimento. Ora, quem conhecer o projecto reconhece que é impossível.

A sua vizinhança beberá na mesma fonte?

Haverá quem atenda semelhante disparate?

Haverá quem assuma a responsabilidade de estagnar o desenvolvimento local e impeça que o maior lugar da freguesia fique privado de ser servido por uma estrada, como a verdadeira razão o impõe?

Haverá quem desconheça o que é a Via Cerdeirinha =Lage=Vasconcelos ligando à estrada Amares=Ponte do Porto?

Haverá quem dê parecer ou altere uma obra duma expansão futura extraordinária?

Julgo que não. Mas, correm boatos de que é verdade.

Chamo aqui a atenção a quem de direito para que se não cometá tão grande crime.

Julgo que não é justo, além de ser aniquilado o maior plano urbanístico do concelho, se prive o lugar de Vasconcelos com mais população de que algumas freguesias do concelho de uma via de comunicação com o centro da freguesia, e o maior centro comercial do concelho, onde a deslocação do Padre ou do Médico é dumas dificuldades sem limites.

Não, senhor BADAMECO; não pode ser atendido. Deixe de ser egoísta e ambicioso, porque a sua maneira de pensar é destrutiva.

Concluo dizendo que é preciso tratar do assunto da via com rectidão, fazer justiça ao povo de Vasconcelos, não desamparar o progresso do concelho e acabar com badamequismo.

Reunião no Gerês

No passado domingo reuniram-se no Hotel do Parque nas caldas do Gerês, várias individualidades para tratar de assuntos referentes ao Gerês.

Era bom que não deixassem no esquecimento que tem estado uma estância das melhores do país, onde são admiradas as águas medicinais por tanta gente que as utiliza.

O Gerês precisa de grandes obras e de melhores comodidades.

Precisa também de uma carreira de camionetas que sirva directamente as termas entre Vieira do Minho. Além de ser ali a comarca, é onde há um mercado semanal às segundas feiras onde muita gente se vai abastecer, mas sem carreira directa é dispendioso e massador.

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

UERBA

A morte entre as onze horas

e o meio-dia

As estradas e as ruas da Alemanha Ocidental às oito horas da manhã, barulho, poeira, gases de escape, automóveis em três filas, entre eles motocicletas, combinadas, peões. Os eléctricos avançam a custo; as reparações das vias públicas constituem outros tantos obstáculos: ônibus repletos abrem caminho de sinal em sinal. Congestionamentos do tráfego, buzinas, campainhas, polícias e cada ano 14.00 mortos. — Moradias na Alemanha Ocidental, às oito horas da manhã: calma, o marido já partiu para o escritório, as crianças para a escola; a dona de casa está só e comece a trabalhar. Não há pressa, nem barulho, mas, obstante, cada ano 8.000 acidentes fatais.

Ao que parece, nos últimos decénios o trabalho caseiro tornou-se quase tão perigoso como o tráfego. Aliás nas casas desempenha papel muito mais importante do que nas ruas a falta de atenção e a leviandade. As estatísticas indicam que cada ano se registam três milhões de acidentes em casas particulares. Em consequência de acidentes falecem cada ano na Alemanha Ocidental 500 crianças no seu primeiro ano de vida. São estas as consequências gravíssimas da falta de cuidado. Ligações eléctricas ou aparelhos, de uso caseiro com deficiências, baldes ou panelas cheias de água a ferver colocadas sobre bancos, passadeiras mal fixas, ácidos e outros riscos guardados em garrafas de refrescos; o ferro eléctrico, ligado, é colocado em cima de um armário, ao limpar o fogão de gás, abrem-se

as torneiras com o esfregão. Os acidentes com aparelhos eléctricos são frequentemente fatais, sobretudo quando a pessoa está ligada à terra por tocar numa torneira ou no rádiador da calefação. A contracção repentina dos músculos sob a ação do choque eléctrico produzem frequentemente fracturas dos ossos. Muitas donas de casa limpam o frigorífico sem desligarem a corrente eléctrica; são inúmeras as crianças que metem cada ano os dedinhos nas tomadas de corrente eléctrica.

Quando do Congresso de Terapia, realizado em Karlsruhe, médicos e peritos da estatística provaram, aliás, que o aumento do número de acidentes em casas particulares não está relacionado directamente com os progressos da técnica no governo da casa e nas cozinhas. A causa principal está em certa relutância que as donas de casa sentem em relação ao seu trabalho. A atenção que se devia concentrar nos trabalhos caseiros, é frequentemente desviada pela rádio, pela televisão, teatros, cinamas, cartazes, toda a espécie de propaganda criaram o sentimento que o trabalho caseiro tem de ser feito a mais rapidamente possível. Muitas donas de casa pagam bem caro o desinteresse e a falta de cuidado. Segundo os resultados estatísticos, as horas mais perigosas são entre as onze e o meio-dia e entre as quatro e as cinco da tarde. Os dias da semana com a maior cifra de acidentes são a segunda-feira e a sexta-feira. Quanto aos meses, os acidentes atingem os seus máximos em Janeiro, Agosto e Dezembro.

TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO

Carta de Ruivães

A Junta de Freguesia de Ruivães recebeu uns cincuenta mil escudos de indemnização pelos baldios paroquiais do montado da Aveleira.

Para uma corporação administrativa que não dispunha de quaisquer rendimentos, isto foi um pau por um olho, graças à ação do Senhor Dr. João da Mota Campos e à sugestão da Junta de Freguesia.

O seu a seu dono.

Estamos esperançados em que esse dinheiro, depois de orçamentado, — seja aplicado na reparação de caminhos desta freguesia, a maior parte das quais se encontram intransitáveis, ou na construção de uma capela no cemitério paroquial, destinada a nela serem celebrados os ofícios de corpo presente, e respectiva mis-

sa, a quando dos funerais em tempo tempestuoso.

Esta minha sugestão visa única e exclusivamente a contribuir para uma aplicação justa daquela importância, mas sem pretender meter foice em seara alheia.

Afastado, como presentemente me encontro, da mecânica administrativa da minha terra natal, nem por isso o meu coração deixa de se regosijar com o seu bem e só faço votos por que tudo corra pelo melhor.

Quando falo ou escrevo, nunca o faço com intenções reservadas e oxalá as minhas sugestões sejam apreciadas com igual espírito de justiça.

Lembrar, não é impor uma opinião. Se a minha maneira de ver não for merecedora de momento exame, que pareça a minha modestia.

O Terrorismo por Dentro

(Continuação da 1.ª página)

granadas de mão «Breda», italianas, explosivos (cargas de plástico vindos da Russia) punhais e sabres provenientes da Argélia e ainda com as iniciativas da ALN («Armée de Libération Nacionale») gravadas no punho.

No bando — diziam — não havia quem comandasse: eram todos iguais, todos camaradas... Mas havia, evidentemente, os que davam ordens e os que tinham de obedecer... Três eram os dirigentes: o Ferreira, o Neto «Pequeno» e um antigo alferes miliciano do Exército português, Manuel Lima, mestiço, que desertara em Beirute, quando, em 1961, seguia, de avião, para Goa. Mas até mesmo entre os que obedeciam às ordens dos três camaradas-chefes havia duas categorias — ou melhor: duas especialidades: os guerrilheiros propriamente ditos — e os sabotadores, especialmente preparados para essa actividade.

André Mateus Suami era um dos sabotadores. Educado na Missão Evangélica do Quibango, na área de S. Salvador do Congo, foi um missionário protestante — um canadense, chamado J. P. Lockwood — quem principiou a doutriná-lo politicamente. Completou a doutrinação um catequista nativo, também protestante, chamado Samuel Gando. O Suami fora primeiramente da UPA. Mais tarde, passou-se, todavia, para o MPLA.

Em Janeiro, disperso o bando invasor, o Suami andou a monte durante quinze dias. Acossado pelo fome, acabou por ir a uma aldeia indígena, onde o soba o prendeu, para o entregar às autoridades militares. E ali terminaram as aventuras do Suami, que também foi agora apresentado aos jornalistas, juntamente com as armas e com os uniformes dos seus camaradas...

Algumas lições se extraem de quanto assim se averiguou: por um lado — o que é animador — a organização dos bandos de terroristas deixa ainda muito a desejar, falta-lhes coesão, falta-lhes disciplina, carecem de comandos competentes, não os levam longe o seu ardor combativo e o seu espírito heróico; mas por outro lado — o que é de preocupar, evidentemente — dispõem das mais imprevistas cumplicidades. Por exemplo, é o mesmo navio Francês que trás para Marrocos os recrutas do terrorismo e que os leva, concluindo o treino, de regresso

pois bem pode suceder que não me assista razão.

Contudo, aí fica o alvitre, com votos de que o essencial prevaleça sobre o acidental.

O que muito desejo é que todos trabalhemos pelo bem comum, e com a cooperação de todos.

Para mim, não há outras aspirações, por estranha que pareça a minha modestia.

Amadeu César

so a Ponta Negra...

Não surpreende que no acampamento de Dar Queb Delib os angolanos encontrem, como instrutor, um comunista ido da metrópole; mas surpreende que, antes de irem para esse acampamento, os recrutas da MPLA (eram 180...) tenham estado alojados num quartel do Exército marroquino e que tenha sido em camiões desse mesmo Exército, guiados por soldados, que eles foram levados, depois, para Dar Queb Delib, quando a verdade é que há uma embajada do Marrocos em Lisboa e boas relações — aparentemente, pelo menos — entre os dois países.

Não espanta que os terroristas disponham de pistolas-metralhadoras alemãs — por desgraça, abundam as pistolas-

metrelhadoras de todas as proveniências no mercado livre das armas; mas não deixaria de ser para nós motivo de espanto a presença de moderníssimas granadas de mão fabricadas na Itália entre o material de guerra apreendido aos invasores de Cabinda, se não acaso ignorassemos as ligações entre o MPLA e o Partido Comunista Italiano.

De qualquer modo, fez bem o quartel-general das forças armadas em Angola, trazendo como trouxe, tudo isto a público: Portugal está, de facto, e guerra — os portugueses têm de saber quem é, na realidade o inimigo que lhes aparece pela frente e quais são os apoios com que esse inimigo efectivamente conta no desvairado mundo em que vivemos. — Al-

Hoje, na Península, não há lugar para receios infundados por parte de

PORTUGAL

Xavier de Echarri, que deixou o cargo de conselheiro de Imprensa junto da ambasada de Espanha em Lisboa para ir assumir a direcção do diário «La Vanguardia», de Barcelona, um dos maiores, senão o maior cotidiano espanhol, foi alvo, no sábado, de duas significativas homenagens: um almoço oferecido no Palácio Foz pelo Secretário Nacional da Informação, dr. Moreira Baptista, e um banquete promovido num dos principais hoteis lisboetas pelos directores dos jornais de Lisboa e a que assistiram mais de cem escritores e jornalistas.

Nesse banquete falaram, aos brindes, além do escritor José Osório de Oliveira, do jornalista Artur Maciel e do embaxador espanhol, Ibañez Martin, o director do «Diário de Notícias», dr. Augusto de Castro («nós somos, Espanha e Portugal, o último reduto da defesa ocidental») e o próprio Xavier de Echarri («proclamar a razão de Portugal é proclamar a verdade, porque Portugal tem, de facto, razão»).

Comentando ontem estas homenagens, o dr. Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa», escreveu, em «Nota do Dia»:

«Em volta de Xavier de Echarri, que durante doze anos serviu na embasada da Espanha em Lisboa os interesses do seu país com um escrupulo igual à sinceridade de afecto que dedica ao nosso, reuniu-se ontem uma centena de amigos que quiseram significar-lhe, ao mesmo tempo, a mágoa com que o vêem partir e a alegria com que o vêem ascender a um posto que, de algum modo, coroa uma vida exemplar. Xavier de Echarri trouxe do jornalismo para a diplomacia, sem insistir nos defeitos, as virtudes que caracterizam a nossa profissão. E levará agora, certamente, da diplomacia para o jornalismo a experiência e o tacto que adquiriu durante os

anos em que serviu uma serviu a renegar nunca o outro. Em verdade, o que a diplomacia deve ao jornalismo, poder observação, agudeza de crítico ecletismo na cultura e equilíbrio nas ideias, é muito maior do que aquilo que o jornalismo possa pedir à diplomacia. Neste banquete de ontem, se Xavier de Echarri foi a vedeta da noite, o problema das relações luso-espanholas foi o tema favorito dos discursos que proferiram. Vivemos num época em que, sejam quais forem as vicissitudes da política internacional, e da nossa própria política, já não há lugar para receios infundados por parte de Portugal nem de Espanha.

Não há razão válida para que entre os dois países peninsulares não se pratique uma política de mutuo entendimento.

«Não falta entre nós, é certo, quem continue — prossegui o dr. Norberto Lopes — a preferir viver de costas voltadas para o país vizinho, como não falta em Espanha quem continua a ver em Portugal um objectivo fácil e apetecido uma política de expansão péninsular que, se algum dia tiver entre nós os seus adeptos, não tem hoje justificação possível nem ambiente que de alguma modo a favoreça. Respeitando o princípio das duas soberanias, que nos é tão caro como a própria vida, não vemos contudo, razão válida para que entre as duas nações da Península Ibérica, sejam quais forem os regimes por que cada uma delas se governe, não se pratique uma política de mútuo entendimento, que conveniente aos interesses comuns. E para que não se procurem resolv-

(Continua na 5.ª página)

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Novo visitador, na de 26 de 1815, Bento José da Silva Camisão, cônego prebendado na Sé primacial, abade sem cura da igreja de S. Lourenço de Seleiros, etc.

Na presença do mesmo abade José Álvares, clero e fiéis, fez a procissão de defuntos, visitou o Sacrário, pia baptismal, Santos Óleos, ornamentos e o mais pertencente ao culto divino, principais atribuições e cuidado do Visitador.

Passou a recomendar, com muito empenho, ao rev.º do pároco que, tendo em vista a determinação pastoral, procurasse quanto possível que os eclesiásticos desta freguesia guardassem a devida modéstia e inteireza nas funções sagradas da igreja e não consentisse o uso de sobrepelizes sobre capotes nem casacos, nem de calçado disforme na celebração do santo sacrifício da Missa, devendo eles sempre usar nas funções e actos eclesiásticos de hábito talar cerrado, de côntra-preta, por cuja omissão ou transgressão responderia o pároco na futura visita, se logo não desse conta ao Prelado, para castigar ou dar providências mais terminantes.

Que quando acontecesse morrer algum rev.º do pároco, o cura do mesmo, havendo-o, ou o pároco mais vizinho na falta dele, desse conta imediatamente ao senhor Arcebispo, declarando o dia da vacatura, rendimentos da igreja e passal, com os encargos que tivesse, e tomasse a seu cuidado a regência da igreja para que não houvesse falta na administração dos Sacramentos, enquanto se não providenciasse na encomendação de novo pároco.

Que era informado que, estando esta igreja decentemente ornada de cortinas, se costumavam emprestar para fora com prejuízo notável das mesmas e ficarem os altares denudados. Por isso mandavam que nem o pároco nem os oficiais das Confrarias as pudesssem emprestar dali em diante, pena de pagarem por cada vez 1000 rs. para a confraria ou devoção a que pertencesse.

* * *

Encontra-se, a fls. 21 do mesmo livro dos capítulos desta freguesia, copiada a portaria distribuída por todas as visitas do Arcebispado, e do teor seguinte: «Ordenamos ao Nossa Rev.º do Dr. Provisor que mande passar as ordens necessárias para a devida execução de Regio aviso de 15 de Novembro próximo passado, afim de que em todo este N. Arcebispado se dirijam ao Altíssimo ardentes acções de graças, implorando copiosas bençãos sobre o santíssimo consórcio de S. A. R. o Príncipe R. o Snr. D. Pedro de Alcântara com a Sereníssima Senhora Arquiduquesa de Áustria, Carolina Josefa Leopoldina, cantando-se hum solene *Te Deum Laudamus* e fazendo-se as maiores demonstrações que da fidelidade e devoção dos R. R. Párocos esperamos, bem como do Patriotismo e generosidade de todos os fiéis vassalos. Outro sim para que em observância de outro Regio aviso, de 31 de Outubro passado, os R. R. párocos quando forem requeridos pelos comandos das Ordenanças para declararem as idades dos seus fregueses, para os assentos respectivos nos livros das companhias, não ponham nisso dúvida alguma, e o mesmo deverão observar os Escrivães dos livros finados pelo que pertence às idades que constarem no seu cartório.»

Continua: «E porquanto somos informados que não produziu o desejado efeito a suave recomendação que fizemos na ordem circular das últimas visitações para conter o escandaloso abuso de muitos eclesiásticos que continuam a celebrar o tremendo sacrifício, e a assistir aos mais ofícios Divinos sem vestes pretas, talares e cabeçaço, com manifesto desprezo dos Sagrados Cânones e Pastoriais, desprezo que somos obrigados a contemplar como manifesto indício da falta de disposições interiores e absolutamente necessárias aos Ministros do Deus Vivo; recomendamos aos R. R. Párocos, e mais eclesiásticos deste N. Arcebispado que se não tem esquecido da observância dos mesmos, que continuem a dar o louvável exemplo; e determinamos debaixo de pena de suspensão *ipso facto* que nenhum sacerdote celebre Missa, nem assista aos ofícios Divinos sem vestuário preto; talar, e cabeçaço; e quanto aos clérigos ordenados de ordens sacras, ou qualesquer outros de Menores, ou que tenham uso de Sobrepeliz, ordenamos aos mesmos R. R. Párocos debaixo da mesma pena os não admitam aos ofícios Divinos, nem lhes concorrão com as esmolas da assistência sem que outro sim assista com vestido preto talar e cabeçaço. Braga 20 de Dezembro de 1817 — Frei Miguel Arcebispô Primaz.»

(Continua no próximo número)

O Centro Internacional da Infância e a sua obra a favor das crianças

(Continuação da 1.ª página)

recentem todas as crianças, sejam pretas, amarelas ou vermelhas. Infelizmente, apesar da boa vontade do Centro Internacional da Infância e dos seus muitos e devotados colaboradores, as pobres crianças sofrem ainda muito por esse mundo de Cristo. Rotas, famintas, tristes, elas arcaram com as imbecilidades dos nossos «condutores» cujo dinheiro e audacia é pouco para comezinhas públicas e bombas de hidrogénio e quejandas. As lágrimas de tais crianças, que são milhões, muitos milhões, tal como seu sangue inocente e puro, cairão por certo nesses politiqueros baratos, em cujas mesas nunca faltou (e isso é que é o pior) o alimento necessário. «Favorecer nos diferentes países o estudo dos problemas sobre a protecção infantil, instruir, investigar, enfim trabalhar em todos os campos e em todo o mundo a favor das crianças» foram desta maneira apresentados quando da inauguração deste Centro os fins do mesmo. Com efeito, a partir dessa data, muito se fêz e muito se continua a fazer a favor das crianças, para quem todos desejamos uma vida melhor. Todos, com exceção dos governantes da fabulosa América que manda queimar parte do trigo que não consomem e dos da outra banda que só pensam na «exportação» do comunismo. Na verdade não haveria outro processo mais conesto do que estes indivíduos acabaram com as suas politiquices que não interessam a ninguém e dedicar ás crianças existentes e as que virão a este mundo as suas energias, os meus milhões que são actualmente gastos em bombas, material de guerra do mais diverso e em maquinetas para ir certamente empollar com as suas sinistras e repugnantes ideias—outros planetas. Que afinal não tenham entrada, são os nossos votos. Se cada homem ou cada povo se dá a conhecer através das suas acções, os indivíduos a quem me reporto não têm certamente um único amigo neste nosso pobre mundo que teve a desdita, a grande desdita de os ter recebido no seu seio. Que vão para o inferno com as suas bombas, as suas ideias inconcebíveis, as suas políticas desonestas e terrivelmente perniciosas. Lá terão por certo o ambiente que merecem.

Hoje, na Península não há lugar para receios infundados por parte de PORTUGAL

(Continuação na 4.ª página)

com espírito realista as divergências que, porventura, possam separar-nos. Os povos carecem, hoje, mais de se entenderem do que de se digladiarem, e a melhor política será aquela que vá ao encontro do interesse comum e sabia atender com justiça as aspirações e os anseios que se manifestam por cima das fronteiras e fazem com que os países

Navegação atómica sem perigo

— trabalho preparatório conscientioso dos cientistas alemães — Medidas de segurança a toda a prova

«Na primavera de 1963 será iniciada nos estaleiros Woldts-Werke em Kiel a construção do primeiro navio de propulsão nuclear da Europa.» — Quando recentemente esta notícia apareceu nas primeiras páginas dos grandes jornais alemães, a população reagiu bem diversamente em face deste grande acontecimento. Enquanto uns manifestaram a opinião que a República Federal, que até agora desempenhou papel importante no domínio das construções navais, já devia ter dado há muito este passo decisivo a caminho do futuro, os outros, mais receosos, advertiram dos perigos dos navios de propulsão atómica para as tripulações e para toda a população, descrevendo em cōres tenebrosas as possíveis consequências de um abaloamento de qualquer navio com um cargueiro de propulsão atómica. Não faltaram comentários nos quais se criticava a construção de navios da marinha mercante com propulsão nuclear por motivos meramente económicos.

Todas as objecções chamarão à liça os investigadores e técnicos que há alguns anos investigaram em Geesthacht, na margem direita do Elba, onde se encontra o reactor de investigação, as condições de segurança a bordo de um navio de propulsão nuclear, tomando em consideração não só a tripulação mas também a população nos portos. Num «oceano em miniatura» imitam-se todas as solicitações a bordo de um navio, considerando o movimento do navio e as trepidações das máquinas. Prestou-se muito epecial atenção aos dispositivos de movimentação das barras de regulação que tem de corresponder às mais altas exigências de segurança; estudou-se até que ponto os movimentos normais do navio poderiam afectar o seu funcionamento. Numa aparelhagem especial submetem-se todas as partes a examinar a aceleração correspondente ao triplo do aceleração da terra e, ao mesmo tempo, a um forte acelera-

mento centrífugo. As forças em acção no exame são de muito superiores às condições naturais. Procedeu-se também a experiências semelhantes no que diz respeito à circulação de líquidos e à resistência dos dispositivos da suspensão do reactor. Admitiu-se até mesmo a pior das hipóteses: a fusão do núcleo do reactor com a liberação consequente de produtos radioactivos que penetrariam no sistema circulatório dos meios de refrigeração. Se, além disso, houvesse ruptura no sistema circulatório da água de refrigeração, o recipiente de segurança receberia a água radioactiva. A protecção secundária nas paredes da Câmara do reactor protege o resto do navio contra radiações perigosas. O navio poderia demandar o porto mais próximo por meio do seu motor de emergência.

Segundo os cálculos dos cientistas alemães calcula-se a probabilidade de o reactor ser afectado numa colisão de proporção de 1. 300.000, admitindo que a câmara tenha uma duracão de vinte anos. Só 0,7% de todos os navios da frota mercante do mundo poderiam originar um choque directo contra o recipiente de segurança. O efeito de um choque seria atenuado por camadas de aço e de madeira de dois e três centímetros de espessura. No navio alemão de propulsão nuclear a protecção ainda é consideravelmente mais forte do que nos cargueiros americanos de propulsão atómica. No caso de um navio de propulsão atómica se afundar em consequência de um abaloamento, penetra imediatamente certa quantidade de água no recipiente de segurança, compensando-se assim a pressão e evitando-se que substâncias radioactivas saiam para a água do mar.

Interrogado sobre as condições de serviço do navio de propulsão atómica sob o ponto de vista da economia, a Professor Kliefeth, do Ministério da Economia de Kiel levantou os ombros e declarou: «Trata-se de um navio de investigação. A indústria naval alemã pretende colher experiências na construção e na reparação de navios de propulsão nuclear. Além disso o navio será uma espécie de banco de ensaios para as condições no alto mar.»

É evidente que um tal empreendimento nunca poderá atingir um alto grau de rentabilidade. Ainda não se traçou se programa de experiências do reactor e do navio, que não será lançado antes de 1967. A construção do navio propriamente dito custará 19 e o reactor cerca de 30 milhões de marcos.

Tribuna Desportiva

VITÓRIA DE TRAVO AMARGO

O Benfica conseguiu, em Lisboa, nova vitória, em jogo a contar para a Taça dos Campeões Europeus de futebol, de que é detentor há duas épocas. Mas essa vitória não chega para aquecer o entusiasmo dos adeptos do futebol, nem para lhe vaticinar carreira fácil na competição desse ano.

O seu adversário, o Dukla de Praga, foi de longe a melhor equipa em campo. E essa superioridade não se manifestou apenas em técnica individual ou em esclarecimento táctico — predicados que outros adversários do Benfica possuíam e não lhes evitou a derrota.

Mostraram os checos, acima de tudo, maior interesse pela jogada, maior capacidade de esforço prolongado e maior «autoridade futebolística». E isso, sim, é que se torna realmente perigoso no confronto com a equipa portuguesa, que sempre teve na «autoridade» a sua melhor arma.

Em todos os encontros até há pouco disputados no plano internacional, o clube português mostrou sempre confiança nos seus recursos. Essa confiança dava-lhe a autoridade, que vinha a ser confirmada pela entreajuda que dos vários sectores formava um bloco ou pelos rasgos individuais de alguns dos seus elementos.

Houve jogos em que a base do «onze» fora a defesa, tudo segurando e mantendo inviolada a baliza, para dar valor a um ou outro golo obtido pelo ataque. Outras vezes foi este que superou todas as dificuldades, amontoando golos que reduziam a nada os que conseguiam os adversários.

Em qualquer destes casos, porém, havia no Benfica a autoridade que a confiança nas suas próprias possibilidades gerava. E essa autoridade mudou ontem de mãos, aparentando firmemente detida, não pelos portugueses, como habitualmente, mas pelos checos.

Da turma do Benfica houve três elementos a destacar: Costa Pereira, que voltou a ser o guarda-redes seguro e brilhante dos jogos internacionais; Coluna que teve papel preponderante na condução da equipa e que, embora médio, marcou os dois golos do Benfica; e, finalmente acima de todos, Simões, o irreverente e pequeno «extremo» português, que foi o único que, na verdade jogou «à Benfica» — com nervos, com entusiasmo, com energia.

Os dois maiores defeitos do Benfica, para além da perda da sua «autoridade», foram a demissão do seu habitual pa-

pel de «dono do meio campo» e a confrangedora falta de poder de penetração dos seus avançados. No primeiro aspecto, Cavem e Coluna não suportaram o confronto com os seus adversários — e esses, sim, dominaram o miolo do terreno. Quanto ao segundo, resultou da pressão defensiva marcada sobre Eusébio (que não logrou acertar uma jogada completa) e sobre José Augusto, aliada à «forma» deficiente de Águas, que não comprometeu, mas não teve aqueles seus costumados rasgos de «finesse» na grande área do adversário.

Ganhou o Benfica o encontro de Lisboa. É mais perigoso ainda do que perder o segundo jogo, em Praga, é a possibilidade de ter perdido, depois da autoridade, a confiança.

Os comentários gerais dos jogadores portugueses, depois do jogo, coincidiram num ponto: o Dukla foi a equipa mais difícil que até hoje defrontaram na Europa, comparando-se em valor ao «onze» brasileiro do Santos. Esta unanimidade de opinião bem pode gerar o clima propício à derrota dos portugueses, quando forem a Praga.

Se no espaço de uma semana não se der qualquer facto especial, que galvanize a turma e lhe dê novamente a perdida característica da confiança, o Benfica não irá à Checoslováquia ganhar a passagem às meias-finais.

Algo se torna necessário conseguir; esse «pequeno nada» que volte a fazer dos portugueses os jogadores de grande alma e espírito de sacrifício tem de se encontrar depressa, para não se perder uma tradição, que é a mais bela do futebol português.

O jogo disputou-se no Estádio da Luz, perante 60.000 pessoas (lotação esgotada). Arbitrou uma equipa inglesa, dirigida por Kenneth Aston. As equipas alinharam:

Benfica = Costa Pereira; Cavem e Cruz; Umberto, Raul e Coluna; José Augusta, Santana, Águas (cap.), Eusébio e Simões.

Dukla = Kouba; Safranek e Novak (cap.); Pluskal, Cadek e Masopust; Brumowski, Vacenovski; Kucera, Adamec e Jelivec. = ANI

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Embora sem alterações na classificação

a jornada do nacional mostrou os dois maiores em dificuldade

Não trouxe modificações a jornada de domingo à classificação do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão: os primeiros classificados ganharam os seus encontros e mantiveram as posições relativas. No entanto, os dois primeiros — Benfica e Futebol Clube do Porto — tiveram dificuldades perante os seus opositores.

Os outros dois «grandes», o Sporting e o Belenenses, não encontraram dificuldades para bater os seus adversários.

Os resultados da jornada foram os seguintes:

Benfica 3 — Setúbal 2; Porto, 2 = CUF, 0; Barreirense, 1 = Sporting, 5; Lusitano, 0 = Guimarães, 1; Belenenses, 4 = Feirense, 1; Académica, 1 Leixões, 1; e Olhanense, 2 = Atlético, 0.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	34
Porto,	32
Sporting,	29
Belenenses,	23
Leixões,	21
Lusitano,	21
Guimarães,	20
Olhanense,	16
Académica,	16
Setúbal,	15
CUF,	12
Barreirense,	12
Atlético,	10
Feirense,	5

SEGUNDA DIVISÃO

Na Zona Sul da segunda divisão começa a ser difícil vaticinar qual clube acompanhará o Silves na descida. O Seixal e o Alhandra continuam com possibilidades de alcançar o título.

Nos encontros da última jornada, os resultados foram os seguintes: Seixal, 2 = Lusitano de Vila Real, 0; Torriense, 2 = Alhandra, 1; Luso, 2 = Peniche, 0; Oriental, 1 = Silves, 0; Sacavenense, 2 = Montijo, 0; Portalegrense, 3 = Farense, 0; Portimonense, 3 = Cova da Piedade, 1.

A classificação ordena-se da seguinte maneira:

	Pontos
Seixal,	27
Alhandra,	26
Cova da Piedade,	23
Sacavenense,	22
Portimonense,	21
Torreense,	21
Luso,	21
Montijo,	19
Farense,	19
Oriental,	17
Lusitano de Vila Real,	15
Peniche,	15
Portalegrense,	14
Silves,	6

Quanto ao torneio da Zona Norte, tem já como vencedor indiscutível a equipa da Póvoa do Varzim — grupo mo-

desto, que não dispõe de grandes «ases» e nunca experimentou a primeira Divisão.

Os encontros não apresentaram resultados invulgares: Castelo Branco, 0 = Varzim 1; Boavista, 1 = Sporting de Espinho, 0; Marinhense, 6 = Académico de Viseu, 0; Sporting de Braga, 3 = Oliveirense, 1; Beira Mar, 4 = Vianense, 1; Leça, 1 = Sporting da Covilhã, 2; Sanjoanense, 5 = Salgueiros, 3.

Após esta jornada a classificação geral é a seguinte:

Pontos

Varzim,	31
Beira Mar,	27
Covilhã,	26
Braga,	26
Oliveirense,	25
Leça,	18
Marinhense,	18
Espinho,	17
Sanjoanense,	14
Castelo Branco,	14
Boavista,	14
Vianense,	13
Académica de Viseu,	12
Salgueiros,	11

Morreu Bernardo Soares

Faleceu, com 53 anos, o antigo futebolista Bernardo Soares, que alinhou sempre pelo Belenenses e foi um dos mais dedicados elementos daquele clube. Apesar dos seus invulgares dotes de jogador, jamais foi «internacional», por haver na sua época — há cerca de trinta anos — dois jogadores excepcionais e indiscutíveis, Armando Martins e Artur de Sousa «Pinga».

Na Madeira: Taça de Portugal

Nos encontros de futebol da segunda «mão», primeira eliminatória, do torneio distrital, com vista à eliminatória das Ilhas para a «Taça de Portugal», passaram à segunda fase o Nacional e o União, ficando eliminados o Marítimo e o Sporting.

Os resultados da jornada foram: Nacional, 3 — Sporting, 1; e União 1 — Marítimo, 0.

Na Terceira: Campeonato Distrital

A contar para o campeonato distrital de Angra do Heroísmo, verificaram-se os seguintes resultados, nos jogos disputados:

Angrense — União, 10-0; Praiense = Marítimo, 5-0; Vilanovense = Juventude, 3-1.

O Juventude está à frente da classificação, com 6 pontos, seguido pelo Praiense, com 5, e pelo Marítimo e pelo Angrense, ambos com 4.

Em S. Miguel e no Faial torneios particulares

Na primeira jornada da «Taça Avianca», que se disputou numa única «volta», Marítimo venceu a União Desportiva, por 1-0; e o Operário ganhou ao Santa Clara por 3-1.

No primeiro jogo da «Taça Tagus», em futebol, Faial Sport Clube venceu Sportin, por 3-2.

Eusébio tem um irmão tão bom como ele?

Vai ingressar no Benfica irmão mais novo de Eusébio. Embora tenha apenas 14 anos, o técnico Francisco Calado, que se encontra actualmente em Moçambique, viu-o treinar e prevê n'irmão do «número 2» da Europa um jogador de extraordinária categoria.

A mãe de Eusébio autorizou também o filho mais novo a seguir em breve para a metrópole, a fim de poder fazê-lo no aperfeiçoamento técnico no Benfica.

Amadeu Bouçós (campeão mundial de hoquei) não dispensado

A Federação Portuguesa de Patinagem não aceitou pedido de dispensa de seleção nacional, formulado pelo hoquista Amadeu Bouçós. Já foi paga a passagem de avião, para Lisboa, a três moçambicanos que farão parte da seleção nacional de hoquei em patins: Amadeu Bouçós, Alberto Moreira e Fernando Adrião.

Futebol em Lourenço Marques

Nos jogos de futebol realizados para o «torneio de abertura», resgistraram-se os seguintes resultados: Altamá, 0 = Primeiro de Maio, Benfica, 4 = Indo-Português, 1; Ferroviário, 1 = Desportivo, 1; Sporting, 7 = Atlético, 1.

Nadadores Sul-Africanos em Moçambique

Na piscina olímpica do Estádio Paulino Santos, disputam-se, por iniciativa do Grupo Desportivo de Lourenço Marques, provas internacionais de natação, às quais estarão presentes a equipa da Universidade sul-africana de Witwatersrand e as moçambicanas da Associação dos Velhos Colonos e do Desporto.

O torneio é de homenagem à nadadora Elsa Ferreira, afastada da actividade por motivos de força maior.